

AMORIM, Anaximandro. *A obscuridade*. Vitória: Wattpad, 2018.

Andréa Gimenez Mascarenhas*
Ester Abreu Vieira de Oliveira*



Anaximandro Oliveira Santos Amorim, natural de Vila Velha, Espírito Santo (14/12/1978), reside em Vitória, onde tem atuação de destaque no cenário literário e cultural. Professor e escritor, foi Graduado em Direito, em 2002 e Letras, em 2019, na Ufes. Pertence a instituições literárias e culturais do nosso Estado como Academia Espírito-Santense de Letras, (AEL), Cadeira n. 40, patrono Antônio Ferreira Coelho, Academia de Letras de Vila Velha/ES

* Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).

* Doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

(ALVV), Cadeira 12, patrono José de Alencar, Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES), correspondente da Academia Cachoeirense de Letras (ACL), e membro-fundador da Academia Jovem Espírito-Santense de Letras (AJEL), Cadeira 3, patrono Atílio Vivácqua. Criador e coordenador do Clube de Leitura "Leia Capixabas", de 2018, foi antes apresentador do programa "Jovens Escritores", no canal a cabo DTV, primeiro programa local dedicado à literatura capixaba (2003-2005), e é detentor das Comendas, Rubem Braga, Kosciusko Barbosa Leão e Renato Pacheco, importantes distinções concedidas ao escritor respectivamente pela Assembleia Legislativa, Academia Espírito-santense de Letras e Instituto histórico e Geográfico do Espírito Santo. Entre as suas obras e trabalhos em antologias está - *A obscuridade* (2019).

A obscuridade é o nono livro do escritor, sendo o segundo no gênero romance e o primeiro publicado em plataforma digital de compartilhamento de leitura, o Wattpad. Amorim não recua diante das importantes modificações nos processos de criação literária advindos com o fenômeno da internet. A revolução digital imprime à literatura uma maior fluidez e interatividade, alterando de forma radical as relações estabelecidas nos moldes tradicionais entre autor, obra e leitor. Neste modelo de publicação, por capítulos, o leitor tem a possibilidade de interagir diretamente com o autor, por meio de comentários em tempo real da escrita da obra.

Roland Barthes (1967), em seu texto, "Morte do autor", previu a autonomia do leitor, em relação ao autor. Suas ideias corroboram com os modelos contemporâneos das plataformas digitais.

Assim se revela o ser total da escrita: um texto é feito de escritas múltiplas, saídas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar em que essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se tem dito até aqui, é o leitor.

Seguindo a narrativa do romance-folhetim e escrita com técnica de roteiro cinematográfico, a obra de Amorim é dividida em 26 capítulos, com um prólogo e um epílogo que capturam a atenção do leitor do início ao fim da leitura.

A obscuridade tem por cenário a Albânia, mais precisamente a cidade de Zapod ao nordeste do país, a 101 km da capital Tirana. A Albânia é um país montanhoso, situado na península balcânica, sudoeste da Europa. O ano é 1943, em plena vigência da Segunda Guerra Mundial, quando a Albânia encontrava-se sob o domínio da Itália.

Trata-se de um país de cultura fortemente patriarcal, regido por uma espécie de código de leis morais, o Kanun. As leis do Kanun são transmitidas de geração em geração, pela tradição oral e pregam que “sangue deve ser pago com sangue”. Atualmente, a influência do Kanun está em declínio, porém, funcionou durante séculos como a constituição do país, regendo inúmeros aspectos da vida em sociedade, como o matrimônio, a propriedade, a conduta moral. A cultura do derramamento de sangue por vingança e honra causou muito sofrimento e mortes, principalmente de homens adultos, fato que levou a uma inversão dos papéis tradicionais de gênero no país. Com muitas famílias destituídas de seus patriarcas, as mulheres teriam que assumir o papel masculino no contexto familiar. “Tal fenômeno se dá pela ausência de varões na linha de sucessão e, portanto, para que os bens familiares não passem para o lado do marido, no caso de um possível casamento” [...] (AMORIM, 2018, prólogo).

De acordo com o Kanun, existe apenas uma possibilidade, para que uma mulher assumira a identidade masculina, que é fazer um juramento perante a sociedade em que vive. Pelo juramento, as mulheres abstêm-se de vivenciar qualquer tipo de afeto, por quem quer que seja, inclusive sexual. Em contrapartida, as “virgens juradas”, ou *virgiinesha* como são chamadas as mulheres que fazem este juramento, adquirem todos os direitos concedidos aos homens naquela sociedade.

A trama gira em torno da família Rakipi, cuja matriarca é Sultana Rakipi com seus seis filhos: Aslan Rakipi, de 18 anos é o primogênito e assume o lugar de seu pai, após o falecimento do mesmo; Lulie Rakipi, uma moça de 17 anos, bonita e “dona de um raro espírito libertário” é a protagonista da história; Lendita Rakipi de 15 anos e outras três irmãs mais novas. Aslan é noivo de Fátima Bici, irmã mais nova de Florian Bici, amigo inseparável de Aslan. O vilão da história é caracterizado por Mikas Stema, rapaz rico e mimado que fora prometido em casamento para Lulie Rakipi.

Um terrível acidente com Aslan veio alterar todo esse cenário inicial. Aslan foi morto por um lobo enquanto fazia um reparo em uma cerca na propriedade dos Rakipi. Sendo o único filho, a alternativa a partir de agora seria realizar o mais rápido possível o casamento entre Lulie e Mikas Stema para que a família Rakipi ficasse protegida. O casamento foi acertado entre o pai de Mikas e Sultana. Entretanto, Lulie, não se conformava com esta situação, pois não cogitava casar-se com Mikas.

Lulie encontra uma maneira de dizer não ao seu casamento com Mikas, decidindo tornar-se uma “virgem jurada”. Com este ato, Lulie sela o seu destino. Teria a liberdade de ser dona de seu tempo e chefe de sua família, porém, abriria mão de qualquer tipo de afetividade. Seria a solução ideal, não fosse pelo pormenor de Lulie ter se apaixonado por sua cunhada, Fátima Bici.

Tecemos aqui alguns comentários a partir da questão colocada pelo autor, na chamada do livro em sua rede social, Instagram. “Você estaria disposto a renunciar a qualquer forma de afeto em troca de liberdade?”.

Certamente não seria possível responder de forma linear a uma questão tão ampla e densa. À luz da Filosofia e da Psicanálise, talvez possamos, na melhor das hipóteses, acrescentar mais algumas questões ao tema: “O que há de obscuro no amor e no desejo?”, “Será que Lulie, ao fazer o juramento, está em

busca da liberdade, ou em busca do seu verdadeiro objeto de amor, ainda que de forma inconsciente?”.

O romance *A obscuridade* é uma história de amor e desejo. Assim, faz-se necessário esclarecer que quando adentramos neste campo não existem verdades absolutas.

Em *O banquete*, de Platão, encontramos sete discursos sobre o amor (Eros). Sócrates é o sexto a discursar e aqueles que o antecederam fizeram discursos de elogio a Eros, de modo que o amor parecesse o mais belo e o melhor possível. Sócrates traz verdades sobre o amor, quando subverte a lógica do Eros que visa à completude dos seres. Ele utiliza o método interrogativo para discorrer sobre o amor a partir dos ensinamentos de Diotima, uma sábia mulher que conheceu em Mantinéia. Sócrates fala de um Eros que não é belo, nem bom. Ele é algo intermediário entre o mortal e o imortal, numinoso. O nume interpreta e transmite aos deuses os assuntos dos homens e aos homens os assuntos dos deuses. Um homem numinoso é sábio em assuntos dessa natureza. Eros é um deles. Eros é filho de Poros, personificação do Recurso e Penia, personificação da Pobreza. Desta feita, Eros é sempre pobre e não delicado nem belo, como pensam a maioria, mas sim, seco, descalço e sem casa, porque tem a natureza de sua mãe. Por outro lado, é ardiloso com o que é bom e belo, corajoso, audacioso e firme como seu pai. O que obtém sempre se esvai, de modo que Eros não é pobre, nem rico e, por sua vez, está entre a sabedoria e a ignorância. Neste ponto, outra questão se coloca: Existiria liberdade afetiva plena? Recorremos novamente aos ensinamentos de Diotima a Sócrates sobre o amor. Diotima discorre sobre os mistérios do amor fazendo uma espécie de deslizamento do foco de afeição daquele que ama, como uma ascensão que começa pelas coisas belas, dos belos corpos para os belos ofícios, e dos ofícios para o conhecimento para terminar em outra coisa que é o BELO EM SI MESMO. Depois disso, deve-se considerar mais a beleza que está nas almas que nos corpos até que se chegue à beleza que está em toda parte. O mais alto grau dos assuntos amorosos é a contemplação do que é belo em si mesmo, autêntico,

puro, separado dos desejos humanos. Esta seria a imortalidade. Talvez e somente desta forma, a liberdade plena seria possível.

Lulie, ao optar pelo juramento em busca da liberdade, acaba aprisionada pelo ardiloso amor. Cai na armadilha do seu próprio desejo inconsciente por Fátima e quebra o juramento. “A língua então prometeu, mas o coração não” (verso de Eurípedes, citado por Sócrates em seu discurso). Lulie e Fátima concretizam este amor, amam-se na obscuridade. No lugar onde as palavras faltam e o amor advém.

Parece paradoxal, no entanto, é justamente quando renuncia a toda possibilidade de afeto que Lulie dá início à sua escalada em direção ao verdadeiro amor. Assim, o amor é subversivo e chega de forma obscura. O amor é a falta, a mais absoluta pobreza do ser. Freud reconhece que algo sempre será da ordem do impossível e que permanecerá para sempre na obscuridade. É preciso que algo se perca para que o desejo se mantenha vivo.

Anaximandro Amorim imprime uma narrativa direta e acessível, abordando questões contemporâneas, como os papéis de gênero e o machismo, mas sobretudo, remete o leitor a refletir sobre a força maior que ainda protege a humanidade de sua autodestruição, o amor (Eros).

O romance *A obscuridade* é a história de Eros em todas as suas nuances. O amor primeiro, maternal, representado por Sultana; o amor de irmãos entre Lulie e Lendita, Florian e Fátima; o amor erotizado entre Lulie e Fátima e finalmente o amor maior, o Belo em Si, tão magnificamente elogiado no discurso de Sócrates, inspirado pela figura feminina de Diotima. Apesar de toda agressividade (pulsão de morte) inerente ao campo do que é humano, queremos acreditar na vitória de Eros enquanto pulsão de vida, força transformadora. Esse amor universal, agora sublimado, é a força que impele Lulie a continuar vivendo a sua causa, o seu desejo. A força de Eros que nunca morre. *A obscuridade* é a vitória

de Eros, a vitória da vida sobre a morte. Temos um final subversivo, transformador!

Nas palavras de Florian, encontramos uma linda metáfora para falar sobre o desejo: "Sonhos são apenas sonhos, Lulie. Eles podem, sim, mudar com o tempo e abrir espaço para outros sonhos" (cap. 26).

Lulie continuará imortal no imaginário daqueles que ousam encarar o amor assumindo seus desejos mais secretos e obscuros. O amor subverte qualquer lei: "O amor é um pássaro rebelde que jamais conheceu lei", como afirma George de Bizet, em *Carmen*.

Para concluir, ressaltamos que a presente obra é fruto de uma empreitada corajosa de Amorim e, até a data de hoje, já conta com mais de duas mil leituras na plataforma digital, Wattpad. Tal fato aponta para uma real possibilidade de convivência/convergência entre as formas tradicionais e os novíssimos formatos de criação literária.

Recebida em: 2 de janeiro de 2020.
Aprovada em: 24 de maio de 2020.